

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

O CAPITÃO PROTEGIDO PELO DIABO

(Conto popular da Alta Bretanha)

Era uma vez um homem rico que tinha dos filhos; educou-os o melhor possível, e quando chegaram á idade de escolher profissão, o mais velho disse que queria ser marinheiro. O pae zangou-se com isso e não queria consentir; mas viu-se obrigado a deixar o filho seguir a sua vocação. Este, que se chamava Pedro, foi immediatamente a San Malo, onde um capitão o alistou para, como grumete, fazer uma viagem de tres annos.

No fim d'este tempo o navio voltou a San Malo. O grumete Pedro desembarcou, começou a estudar para ser capitão de longo curso, e quando se apresentou foi immediatamente recebido.

Tres mezes depois do seu exame, Pedro embarcou a bordo d'um navio que fez uma viagem de dois annos; depois de visitar muitos mares e paizes voltou para Marselha, e foi ver o pae. Este, que lhe tinha zanga, por se ter feito marinheiro contra sua vontade, não o quiz ver; todavia, quando o irmão, que havia ficado em casa, lhe disse que Pedro era capitão, e que era um bom rapaz, recebeu-o com grande alegria. Pedro, pouco tempo esteve em terra; foi ter com um armador, que lhe deu um navio para commandar. O capitão,

as suas mercadorias, e fez-se de ver para Londres; mas quando estava proximo d'ali, levantou-se uma grande tempestade e o navio foi a pique. O capitão salvou-se, assim como toda a tripulação, e muito triste voltou para casa do pae. Este, julgando que o naufragio tinha sido devido a inexperiencia do filho, não o quiz receber.

Pedro tratou de procurar outro commando; mas, logo que se fez ao mar, adveiu-lhe outra tempestade e novamente perdeu o navio.

O pobre capitão voltou ainda a casa do pae, e contou-lhe a nova desgraça que lhe tinha acontecido. O pae encolerisou-se e prohibiu-lhe que nunca mais entrasse em casa. Mas o filho mais novo disse-lhe:

— Já que assim trataes o meu irmão saio com elle, e deixo-vos sózinhos em casa.

Partiu pois com o capitão Pedro; mas mal se pozeram a caminho, o pobre homem foi ter com elles, e disse-lhes:

— Vinde ambos; mas não quero que Pedro torne a commandar mais nenhum navio; prefiro sustental-o e tel-o aqui em casa, como um passaro na gaiola.

Apenas o capitão ouviu estas palavras, foi-se embora e tentou achar um commando; mas depois dos dois desastres ninguem lhe queria confiar

um navio, e nem mesmo achou lugar de segundo. Voltou para casa do pae, e tão contrariado estava de não fazer nada, que prometeu vender-se ao diabo, se se apresentasse occasião para isso; pois não sabia onde o encontrar; mas pensava n'elle muitas vezes e algumas mesmo o invocava.

*

* *

Um dia, que passeava só no jardim do pae, pensando nos que tinham sido felizes com os pactos, apresentou-se diante d'elle um homem negro e alto, que lhe perguntou se sempre estava disposto a vender-se ao diabo.

—Estou, respondeu o capitão, mas com a condição de me dares um bom navio para commandar e que eu seja sempre feliz nas minhas viagens.

—Terás, disse o diabo, um bom navio e serás sempre feliz na navegação, mas ponho como condição que na volta a tua alma me pertencerá. Se estás por isso, hoje mesmo assignaremos o pacto.

—Seja, respondeu o capitão.

E conduziu o diabo ao seu quarto, e antes de concluir o tratado deu-lhe vinho e licores de toda a especie; mas deitava fôra parte do que tomava, enquanto que o diabo bebia tudo o que lhe dava, e cêdo ficou em estado de não saber o que fazia.

—Agora, disse o capitão, vamos assignar o pacto, e tu terás o que me pediste.

—O que é? perguntou o diabo que não tinha as ideias muito claras.

—E' trazer-te de Londres um

cão grande.

O diabo tirou uma folha de papel da sua carteira; ambos assignaram e em seguida disse o diabo ao capitão:

—Trata da tripulação e d'aqui a oito dias vae ao Havre; lá acharás um bom navio, completamente armado e prompto a apparellhar.

No tempo prefixo, o capitão foi ao Havre com a tripulação, e o diabo lhe deu o navio. Começou a viagem com um tempo tão bom, que parecia feito de proposito; nunca tinha sido tão feliz e ganhou tanto dinheiro, que logo na primeira viagem fez a sua fortuna.

O capitão Pedro ouvira fallar d'uma ilha muito rica em ouro e prata, e onde estava uma princeza, linda como o dia, guardada por selvagens. Muitos navios tinham tentado libertal-a e enriquecer; mas todos lá haviam ficado.

O capitão dirigiu-se para essa ilha, e logo que d'ella se approximeou, viu sair os selvagens de todos os lados, como as formigas d'um formigueiro, e embarcar em troncos excavados. Rodearam o navio, e eram em tanta quantidade que cobriam o mar. Precipitaram-se às bordas, e com paus, queriam matar a todos. O capitão vendo-se perdido, gritou chamando o diabo:

—Oh! meu pae! vem soccorrer-me!

Apenas disse estas palavras, logo um grande navio, completamente negro, se veio postar junto do navio de Pedro; era tripulado por homens negros que se lançaram sobre os selvagens e pozeram-se a espetal-os com forcados. Em pouco

tempo, todos os selvagens estavam mortos; os homens negros e o navio desapareceram como se se tivessem evaporado.

O capitão e a tripulação do seu navio desembarcaram na ilha; lançaram todo o lastro ao mar, e substituíram-n'o por ouro e prata, tanto quanto o navio pudesse levar. Em seguida o capitão foi procurar a princeza, que ficou contentíssima em se ver libertada, e levou-a para bordo. Deixou a ilha, e fez-se de vela para Inglaterra, a fim de ir a Londres comprar o cão que tinha prometido ao diabo.

Logo que o comprou voltou para França, e assim que chegou a Bordeaux, descarregou o navio, e chamou o diabo dizendo:

—Oh! meu pae! vem buscar o teu navio, pois não o quero mais commandar!

O diabo veio immediatamente e fez desaparecer o navio, dizendo ao capitão:

—Está bem, Pedro; cumpri a minha palavra, e fizeste uma feliz viagem; estás disposto a dar-me a tua alma, conforme me tinhas promettido?

—Não foi a minha alma que eu te prometti, respondeu elle; procura o pacto na tua carteira e verás o que lá está escripto.

O diabo tirou o contrato da carteira e leu o seguinte:

«O capitão Pedro me trará de Londres um cão grande e negro, em recompensa da felicidade que terá no commando do navio do diabo.»

O diabo, furioso de se ver illudido, cavalgou no cão negro, que era do tamanho d'um burro pequeno.

O cão poz-se a correr o mais que podia, mas ao passar uma ribeira afogou-se e afogou o diabo.

O capitão voltou para casa do pae e esposou a princeza que tinha libertado. Como n'uma sô viagem tinha ganho uma fortuna consideravel não quiz mais navegar e viveu feliz com a princeza.

(Contado em 1884, por Eugenio Miguel, de S. Cast, grumete de 18 annos).

P. B. da Cruz.



COSTUMES e RELIGIÕES

Tradições Varzinas

Um dos costumes mais engraçados dos pescadores da Povoia de Varzim é a forma como observam a etiqueta em casas de luto.

Assim, pois, quando lhes morre algum familiar immediatamente tiram a jaqueta e a collocam sobre a cabeça enquanto o cadaver está sobre terra, manifestando d'aquella maneira o seu sentimento pelo passamento de tal ou qual pessoa.

Tambem é costume, ao transpor o cemiterio e em occasiões que pela rua vão rezando, collocar a carapuça atravessada, ou antes, deitada, na cabeça.

Os pescadores chamam á jaqueta uma «béstia» e á carapuça um «barréte».

As mulheres collocam uma saia pela cabeça e deitam o lenço para a testa de modo a não se lhes ver a cara.

Dizem ellas que é «andar encu-

çadas».

Andam muitas mulheres «encu-
çadas» sem comtudo significar que
andem de lucto. O lenço preto para
a testa é que demonstra claramente
o publico sentimento por algum fi-
nado.

O uso da saia pelos hombros é
geral n'essa praia e tambem em al-
gumas freguezias, e concelhos mes-
mo, da provincia do Minho.

Pelo seu trabalho rude e gros-
seiro o pescador e pescadeiras uzam
roupas de panno especial e proprio
para tão arduo trabalho, por isso
mesmo é o que uzam em casos de
lucto.

O lucto consiste mais na manei-
ra de uzar os trajas que nas côres
azul, preto ou côr de café, que el-
les usão.



**CANCIONEIRO POPULAR DO BAI-
XO-ALEMTEJO**
ORGANISADO POR
DIAS NUNES

(Continuação)

DLXXXIII

Se queres casar commigo
Manda ladrilhar o mar:
Depois do mar ladrilhado
Sou teu amor sem faltar.

DLXXXIV

Justos ceus! Se eu n'algum tempo,
Fôr ingrata ao meu amor,
Que os mesmos ceus me consumam
Entre um fogo abrasador!

DLXXXV

Já t'en devia ter dado
O meu leal coração;
Mas arreccio que tu faças
D'elle pouca estimação.

DLXXXVI

Ingrato! suspendo os golpes,
Não me açabes do matar!

Deixa respirar com vida
Quem tão firme sabe amar!

DLXXXVII

Inda que atirem commigo
Ao mar, por cima das ondas,
Nunca deixo de te amar!...
Assim tu me correspondas!

DLXXXVIII

Inda agora repareil
Ao meu direito lado
'Stà o jasmim, 'stá a flôr,
'Stá a rosa, 'stá o cravo,

DLXXXIX

Ingratal *desconhecida!*
Que te custava dizer:
— Amor, busca a tua vida,
Que eu tua não quero ser?!

DLXL

Inveja, cruel inveja,
Que nunca se ha-de acabar!
Quem tanto mal me deseja
Nunca bem pôde passar.

DLXLI

Eu já fui ao teu jardim,
Já n'elle fui jardineiro;
Já fui teu amor de graça,
Agora nem por dinheiro!

DLXLII

Eu tenho quarenta amores,
Todos quarenta são fixos;
Tenho dez n'Aldeia Nova,
Dez em Serpa, vinte em Brinche.

DLXLIII

Eu fui a que accendi lume
N'uma chaminé dourada;
Eu fui a que reparti...
D'amores, fiquei sem nada!

DLXLIV

Eu fui a que accendi lume
N'uma chaminé de canna;
Eu fui a que reparti...
D'amores, fiquei com Anna.

DLXLV

E's uma porca-javarda,
E's uma cabra cabrita;
E's mais feia que uma loba...
Tens fama de ser bonita!

DLXLVI

Coração, arribal arribal!
Se não podes fugir anda,
Que assim faz o meu aror:
Quando não pôde vir, manda,

DLXLVII

Cantando ganhei dinheiro,
Cantando se me acabou.
Dinheiro que é mal ganhado,
Agoa o deu, agoa o levou.

(Continúa)